

## PERSONA(EM VIA)GEM<sup>1</sup>

TRAVELING PERSON.

PERSONA QUE VIAJA

Alda Regina Tognini Romaguera<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este ensaio acontece na duração do percurso de estudos deleuzeanos e no encontro com alguns de seus conceitos. Pretende recolher intensidades, pensamentos-sensações, que pulsam linhas, luzes, pontos ao faiscar pensamentos na leitura de um conto de Ítalo Calvino, instaurando mundos possíveis. Busca a virtualidade numa relação de contato/contágio com sentidos de vida singular, educação e arte. Trabalha com a potência de imagens-palavras e provoca conexões, entreatos filosóficos com os conceitos de criação e resistência.

**Palavras-chave:** Educação. Arte. Vida Singular.

**Abstract:** This essay takes place during the course of the Deleuze studies and in the encounter with some of its concepts. It intends to collect intensities, thoughts-sensations, which pulsate lines, lights, points when sparking thoughts in the reading of a short story by Italo Calvin, establishing possible worlds. It seeks virtuality in a contact / contagion relationship with meanings of singular life, education and art. It works with the power of image-words and causes connections, philosophical entertainment with the concepts of creation and resistance.

**Keywords:** Education. Art. Singular Life.

**Resumén:** Este ensayo tiene lugar durante el curso de los estudios Deleuze y en el encuentro con algunos de sus conceptos. Tiene la intención de recolectar

<sup>1</sup> Este ensaio foi publicado, em sua versão original, na Tese de doutorado Vida e arte e educação e(m) criações / Alda Regina Tognini Romaguera. Campinas, SP, 2010, p. 56-70.

<sup>2</sup> Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Campinas - UNICAMP na Linha Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte. Possui pós-doutorado em Educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC na Linha de Educação e Comunicação; é professora pesquisadora independente, pesquisadora colaboradora do Grupo OLHO (FE/Unicamp). Professora convidada do Doctorado em "Educación, Arte y Cultura" de la Universidad Autónoma "Benito Juárez" – UABJO Oaxaca, Mexico. É diretora da Associação Ritmos de Pensamentos Educacionais, Ambientais, Artísticos e Culturais, gestão 2022/2024. Email: aldaromaguera@gmail.com

intensidades, sensações de pensamentos, que pulsan linhas, luzes, pontos quando provocam pensamentos em la lectura de una historia corta de Italo Calvino, estableciendo mundos posibles. Busca la virtualidad en una relación de contacto/contagio con significados de vida singular, educación y arte. Funciona con el poder de las imágenes-palabras y provoca conexiones, entretenimiento filosófico con los conceptos de creación y resistencia.

**Palabras clave:** Educación. Arte. Vida singular.

## 1. Introdução

No texto “O atual e o Virtual”, Deleuze (1996) afirma que “a atualização do virtual é a singularidade”. Desejo buscar a virtualidade numa relação de contato/contágio com sentidos de vida singular, educação e arte. Mexer com a vida que depende de contato, vida viral que se movimenta em fluxos, vida-virtua, duração, multiplicidades de multiplicidades. Pensar a vitalidade inorgânica como processo que busca produzir modos de existência inéditos. Recolher intensidades, pensamentos-sensações, que pulsam na condição de possibilidade do acontecimento...

Acontecimento vida-morte em giros.

Temporalidade do acontecimento, nas vozes dos animais de Zaratustra:

Tudo vai, tudo volta; eternamente gira a roda do ser. Tudo morre, tudo refloresce; eternamente transcorre o ano do ser. Tudo se desfaz, tudo é refeito; eternamente constrói-se a mesma casa do ser. Tudo separa-se, tudo volta a encontrar-se; eternamente fiel a si mesmo permanece o anel do ser. Em cada instante começa o ser; em torno de todo o ‘aqui’, rola a bola ‘acolá’. O meio está em toda a parte. Curvo é o caminho da eternidade (NIETZSCHE, 2000, p. 259-60).

Condição de possibilidade do acontecimento, mundos possíveis na supressão cronológica do tempo, vir-a-ser que não se efetua e que se torna possibilidade, virtualidades. A vida acontecimental rodando em giros e deslocando o centro da roda, meio que está em toda a parte, em curvos e eternos traçados.

A cada pensamento que surge, recorta-se um plano que multiplica possibilidades para enfrentar o caos. Planos-territórios do caos se desenham em diferentes constituições e profundidades, lugares do livre pensar, que traçam linhas de referência, de composição e de imanência. Dizendo com Santos (2009):

(...) enquanto todos os esforços do pensamento científico tentam parar o movimento caótico, o pensamento artístico desenha linhas que movimentam singularidades, linhas de força; e o pensamento filosófico lida com a infinitude caótica ao criar conceitos.

(Des)considerar a centralidade no organismo e problematizar a dimensão virtual de um corpo, que se deixa percorrer por fluxos de intensidades. Tomar o corpo (des)organizado, inorgânico, que escapa. Pensar manifestações incorpóreas em um corpo que se faz atravessar por singularidades. Partir da ideia de um corpo afetado, atravessado por fluxos desejanter, dobrado em si mesmo, singular, que se inscreve numa tentativa de combater o conjunto dos estratos que o paralisa: o organismo, a significância e a subjetivação.

Pelas páginas de um conto de Ítalo Calvino, trabalhar a potência de imagens-palavras e provocar conexões, entreatos filosóficos com os conceitos de criação e resistência. Buscar um estado de conversa com a arte - pela literatura - e com a filosofia da diferença, por escritos de Deleuze e de alguns de seus leitores.

Mais que um automobilista vivendo aventuras - o que poderia resultar numa narrativa linear e previsível -, em "Aventuras de um automobilista", Calvino (2002, p.139-46) cria como quem traça diagramas: ao escrever, presenteia o leitor com um texto que se desenha em imagens-pensamento. Com a exatidão de traços a régua, desenha linhas que transportam ao mesmo tempo um corpo que viaja, uma estrada em que acontece a viagem e pensamentos que se fazem povoar nos sentimentos viajantes. O entrelaçamento destes planos criará cruzamentos e movimentará a transformação. A persona(em)viagem se produzirá em intensidades (in)corpóreas num devir-corpo que se desloca, num devir-carro

que se estrada, e em pensamentos que se enciúmam em devires, o amor acontecendo em pura e absoluta sensação.

Calvino, escritor-desenhista-matemático, enuncia no início do conto que um corpo se movimenta por uma estrada ao anoitecer; o motorista X se desloca de A em direção a B ao encontro de Y, na tentativa de evitar que a mesma se encontre com Z. Plano cartesiano compondo-se em abscissas, ordenadas, vetores, abrindo possibilidades de criar uma imagem-gráfico, que desenha pontos nos quadrantes e coloca eixos em movimento. Mas fissuras se abrem nesta precisão geométrica e pensamentos-força movimentam-se por entre linhas, luzes, pontos em três direções perpendiculares: horizontal, vertical, longitudinal, X, Y e Z.

Estilhaça-se o relato de uma triangulação amorosa no percurso andarilho dos pensamentos de um corpo afetado, desejante, dobrado em si mesmo, singular.

## **2. Dobras**

*Entre as duas dobras, há a entredobra, a dobradura dos dois andares, a zona de inseparabilidade que faz dobradiça, costura.*

Gilles Deleuze

Deleuze, leitor de Leibniz, nos apresenta o mundo dobrado em duas metades, como que habitando simultaneamente dois andares de uma mesma casa que o expressam. Habitação no exemplo barroco, que se faz desenhar no alto por estruturas verticais - o sensível, em si - e, embaixo, por relações horizontais - o inteligível, para-nós, instaurando um movimento de dupla pertença. Entre os dois andares - como que numa espessura ou tecido -, situa-se uma zona original, em que o alto se dobra sobre o baixo, sem que se possa saber onde acaba o sensível e onde começa o inteligível.

Nesta zona original, todo corpo adquire a individualidade do possessivo, uma vez que ele pertence a uma alma privada, e as almas acedem a um estatuto público, isto é, são tomadas em multidão ou em amontoado, uma vez que elas

pertencem a um corpo coletivo. Realiza-se no corpo o que é atualmente percebido na alma. O acontecimento se dá segundo um regime de leis que corresponde à natureza das almas ou à determinação dos corpos.

O mundo está dobrado duas vezes nas mônadas ou almas que o atualizam: pura elevação espiritual, sem gravidade, curva de inflexão infinita; e redobrado na matéria, nos corpos que o realizam e que têm gravidade física, de massa. Mônadas ou almas são formas verdadeiras:

cada uma por sua conta inclui o mundo inteiro. [...] Essas formas verdadeiras dizem-se não apenas de organismos vivos, mas de partículas físico-químicas, molécula, átomo, fóton, toda vez que há seres individuais assinaláveis que não se contentam em funcionar, mas não param de 'se formar'. São singularidades de expressão, forças primitivas, unidades primárias essencialmente individuais e ativas, que atualizam um virtual ou potencial, e que concordam umas com as outras sem se determinarem de próximo em próximo (DELEUZE, 2000, p. 172).

Interioridades absolutas, não são nem objeto nem sujeito, singularidades em totais devires, associadas a multiplicidades. Corpos são singularidades de extremo, figuras que têm funções e funcionamentos, simples fenômenos; são Comuns que se movimentam e que se afetam uns-aos-outros, coletivos que compõem o universo material.

O mundo se estabelece num duplo processo, que comporta a virtualidade e a possibilidade: ao mesmo tempo em que se atualiza nas mônadas ou almas, se realiza nas matérias ou nos corpos. Mas, dirá Deleuze, enquanto as redobras da matéria escondem algo da superfície relativa que afetam, as dobras da forma revelam a si mesmas o detalhe de uma superfície absoluta, co-presente a todas as suas afecções. "É em relação ao mundo que se pode dizer que o universo material é expressivo tanto quanto as almas: estas expressam atualizando, o outro expressa realizando" (DELEUZE, 2000, p.177). Território do acontecimento, preexistência ideal do mundo, dobra sinuosa em ziguezague que se traça por entre os pares virtual-atual e possível-real:

É o expressável de todas as expressões, o realizável de todas as realizações, *Eventum Tantum* ao qual tentam igualar-se alma e corpo, mas que não para de sobrevir nem deixa de nos esperar: virtualidade e possibilidade puras, o mundo à maneira de um incorpóreo estoico, o puro predicado (...) pura “reserva” dos acontecimentos que se atualizam em cada eu e se realizam nas coisas uma a uma. (DELEUZE, 2000, p.176)

Em Leibniz, a multidão da singularidade se expressa no corpo individualizado, posto que pertença a uma alma privada; e na alma que se torna pública, quando pertence a um corpo coletivo, tomada em multidão ou amontoado. Os corpos orgânicos e inorgânicos expressam três tipos de mônadas: as iluminantes, as iluminadas e as pisca-piscantes. Nos corpos orgânicos as mônadas racionais ou dominantes possuem unidades de mudança interna, atuam como potências em ato: são iluminantes. As mônadas animais ou dominadas, unidades de geração e corrupção orgânicas, atuam como disposições, hábitos: são iluminadas. Nos corpos inorgânicos as mônadas degeneradas possuem unidades de movimento exterior, atuam por ligações mecânicas, são tendências, atuam por pulsos nos instantes: são pisca-piscantes. Seriam as mônadas degeneradas, pisca-piscantes, as que se movimentam no espaço do instante, uma possibilidade de expressão para a singularidade?

Um mundo.

Dois andares para filosofar:

Leibniz em barroca provocação, con-fundindo dois metafísicos mundos: o inteligível e o sensível habitam a mesma casa no barroco mundo... Desdobram-se em pregas da matéria - potência que não para de redobrar-se, e em dobras na alma.

Dobradura-Mundo em curvaS... Dobradura-Mundo embrulhando coisas colocadas dentro... Envolvendo. Curvas que flexionam, inflexões que incluem, envolvem, implicam.

Dobras ao infinito, comunicando os dois andares por inflexão: curvatura variável, elasticidade, deslocamentos... Universo afetado por uma curvatura, em barroca perspectiva, flexionando os pontos de vista: condições de manifestação

da verdade, a partir dos quais o caos se organiza, onde o segredo é revelado... Instância de passagens da forma por metamorfose ou por anamorfose... Potência de ordenar e seriar uma multiplicidade de formas, abrindo-se sobre uma série infinita, constituída por estados do mundo... O ponto de vista é a modalidade do sujeito, seu modo inseparável.

Ponto de vista sobre a série infinita, constituída pelos estados de mundo. “No primeiro andar, acima da matéria, são desenhados como pequenos andares diferentes: se estou no ponto de vista, fico em uma escala de percepção; é o mundo do percepto” (DELEUZE, 2006, p.149).

O ponto de vista sobre a série infinita de estados do mundo é uma manifestação do visível, é o percepto. Mas o mundo, a série infinita do mundo, está envolvido no sujeito.

O que está envolvido no sujeito é o predicado, ou atributo. A partir de certo ponto de vista vejo o mundo, mas o leio em mim. A alma (ou sujeito) lê em si mesma. A alma lê seus próprios predicados ao mesmo tempo em que, sob o ponto de vista em que está, vê os estados de mundo. No nível do envolvimento sujeito-predicado, estamos no conceito, concebendo o conceito como um indivíduo. Por que o sujeito é individual? Porque é um conceito, uma noção. Em Leibniz, se trata sempre da noção de sujeito. O conceito vai para o indivíduo; o indivíduo é o conceito, é a noção. Sujeito é aquilo que está indicado por um nome próprio. Ver e ler, percepto e concepto.

Se em Foucault a subjetivação se faz por dobras, que expressam o ser-em-si unindo os pares vida-morte, memória-esquecimento, temporalmente, por coextensividade, em Leibniz, as dobras ao infinito se comunicam por inflexão.

O sujeito, ou alma, torna-se dobradura que só existe em seu envelope...

Envelope-sujeito.

Vivemos envoltos em conchas, sem portas nem janelas, habitantes de casas barrocas em que acontecem múltiplas possibilidades, tanto de desenvolvimento, quanto de destruição. Vivemos dobrados infinitamente, em um

universo leibniziano, porque sempre a “dobrar, desdobrar, replicar” (DELEUZE, 1989, p.177).

### 3. Linhas

Aventuras de um automobilista nos convida a percorrer linhas que se desenham por vias, que deslocam uma persona(em via)gem... Ao seguir por estas linhas, consideremos vias enquanto lugares de passagem, que potencializam a transitoriedade pela velocidade, pela rapidez com que se atravessa de um ponto a outro. De A para B, de B até A...

Uma personagem viajante... (in)definida pelo artigo, que a singulariza.

Uma persona em via, em trânsito, sem lugar fixo, no (des)território.

Considerar uma personagem por onde circularem intensidades. Personagem devirá sensações, posto que não seja ser que sente, nem símbolo de figura humana ou objeto. É singularidade, uma linha de devir, que se sustenta em um plano.

Falando com Santos (2009): “O único tipo de linha que pode devir é a linha de fuga, que permite escapar de uma forma fechada de subjetividade, e da sua atualização em algum tipo de objeto representativo”.

Personagem atravessando linhas, linhas-ponte chamadas devir... Linhas que movimentam singularidades. Atravessando-as várias vezes, de múltiplas maneiras, em ritmos infinitos... Pelas sensações, “... tenho a impressão de haver perdido o sentido do espaço e do tempo” (CALVINO, 2002, p. 140). Tempo e espaço se tornam estendidos no trajeto, alongando distâncias que se enfatizam nos contornos da noite, alterando os desenhos destas linhas, que se fazem atravessar por pensamentos viajantes: E se?

Ela...

Ele...

Eu...



Circuito de ideias que se esbarram e provocam cruzamentos; por um instante, parecem trazer respostas e, no momento seguinte, produzem (des)encontros... Pensamentos desenhando linhas que movimentam singularidades, linhas de força.

Deslocamento de corpos. (Des)confiança. Provocantes pensares (des)encontrando corpos. Separação. Mudança de direção, retorno impedindo a chegada. Impossibilidade de (con)tato entre corpos, o que provocaria tácteis reconciliações. Nunca encontrar. Viagem que se desmancha em destinos, que se desenha no “nunca” onde antes era o “feliz para sempre”. Resistência na passividade ativa...

Nunca chegar.

#### **4. Luzes**

Velocidade se faz ultrapassagem e provoca sensações luminosas, numa composição de (in) corpóreos... Deslocamento que gera intensidades.

Intensidades que passam e fazem com que não haja mais nem eu nem o outro, “em virtude de singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.16).

Eu é outro roubado de Rimbaud para pensar eu e você em outro(s), intensivas intensidades virando luz, transverberando...

Singularidades cones de luz e caixas de sombra, criando estados de corpos sem órgãos, que se deixam atravessar por dois olhos amarelos atrás, duas luzes vermelhas à frente. Singularidades cones de luz e caixas de sombra se juntam a um turbilhão de gotas da chuva que se dissolvem em borrões vermelhos e amarelos. Corpos amantes que se tornam mensageiros de si mesmos, na passagem... Passageiras palavras que se transformam em feixe de raios luminosos em movimento...

Intensidades incorpóreas, sensações em devir.

## 5. Pontos

Deleuze cria o conceito de corpo sem órgãos (CsO) roubando a expressão de Artaud e o desenhando em práticas que se criam para combater o conjunto dos estratos que nos paralisa: o organismo, a significância e a subjetivação. CsO definido enquanto componente de passagem, pedaço de imanência. “Um platô é um pedaço de imanência. Cada CsO é feito de platôs. Cada CsO é ele mesmo um platô, que se comunica com os outros platôs sobre o plano de consistência. É um componente de passagem” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 18-9).

Se CsO é “conexão de desejos, conjunção de fluxos, continuum de intensidades, experimentação” (DELEUZE, 1996, p. 22.), o amor no conto de Calvino empresta-se à constituição de um CsO como que num exercício de (des)personalização, em que os corpos se tornam (in)corpóreos e podem:

(...) correr para a frente e para trás ao longo destas linhas brancas, sem lugares de partida ou de chegada que façam pairar aglomerados de sensações e significados por sobre a univocidade de nossa corrida, libertos finalmente da espessura estorvadora de nossas pessoas e vozes e estados de espírito, reduzidos a sinais luminosos, único modo de ser apropriado a quem quer se identificar ao que está dizendo sem o zumbido deformante que nossa presença ou a alheia transmite ao que dizemos. (CALVINO, 2002, p.146)

Com os escritos de Calvino, perguntar com Deleuze:

O que quer dizer amar alguém? É sempre apreendê-lo numa massa, extraí-lo de um grupo, mesmo restrito, do qual ele participa, mesmo que por sua família ou por outra coisa; e depois buscar suas próprias matilhas, as multiplicidades que ele encerra e que são talvez de uma natureza completamente diversa. Ligá-las às minhas, fazê-las penetrar nas minhas e penetrar as suas. Núpcias celestes, multiplicidades de multiplicidades. Não existe amor que não seja um exercício de despersonalização sobre um corpo sem órgãos a ser formado; e é no ponto mais elevado desta despersonalização que alguém pode ser nomeado, recebe seu nome ou seu prenome, adquire a discernibilidade mais intensa na apreensão

---

instantânea dos múltiplos que lhe pertencem e aos quais ele pertence.  
(DELEUZE, 1997, p.47-8)

Se subjetivação é a percepção de si, em afecção, em pulsão, em ação... E se:

O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à ideia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete. "(...) Em resumo, criar e inventar, eis o que faz o sujeito como sujeito" (DELEUZE, 2001, p. 76).

E se artista é quem cria verdades que não são conseguidas, encontradas ou reproduzidas, mas sim criadas e críveis... Se a arte é a mais completa expressão do poder do falso... Assumir a potência do falso. Comportar-se como o homem da verdade, filósofo; como o homem da vingança, guerreiro; como o homem da arte, falsário... Filosofar, guerrear, artistar; falsificar-se: fazer-se surgir no silêncio e no vazio. "Com o vazio, abre-se a virtualidade, imagem criadora, com seu "duplo status: intra-objetal e intra-imagem. A diferença é, pois, diferenciação criadora, irreduzível à longa história de erros, aquela dos ícones e das representações" (BUCI-GLUCKSMANN, 2007. p. 83).

Se o ângulo de significância e de interpretação, o ponto de subjetivação ou de sujeição ata os corpos pelas pontas do significante e do significado, transforma-os em intérpretes e interpretados - para que não se tornem desviantes -, operar por experimentação, combatendo a interpretação.

Se o sujeito se fixa no organismo, que rebate um sujeito de enunciação sobre um sujeito de enunciado - evitando que surja um sujeito vagabundo -, tomar o nomadismo como movimento de de-subjetivação.

Aceitar a provocação deleuzeana para combater trocando o martelo por uma lima muito fina... Limar, desarticulando, experimentando, nomadizando...

Buscando um estado de conversa com a arte - pela literatura - e com a filosofia da diferença, por escritos de Deleuze e de alguns de seus leitores.

Roubando das páginas do conto de Calvino imagens-palavras e provocando conexões, entreatos filosóficos com os conceitos de criação e resistência.

Deleuze problematiza um pensamento que resiste na/pela criação. A capacidade criativa manifesta-se em ação política quando nos convida a pensá-la enquanto força de um corpo que resiste à submissão, contra todas as forças que, ao nos atravessarem, nos querem fracos, tristes, servos e tolos.

Resistência que se faz na/pela força de criar algo novo, que se instala nas singularidades do acontecimento como num devir. Revolucionário devir que resiste em obras de arte, em movimentos artísticos que operam em linhas de fuga, como máquinas de guerra. Linhas de fuga criando impropriedades na singularidade sem identidade, na busca por uma comunidade sem pressupostos e sem sujeitos, porvir,

Porque se os homens, em vez de procurarem ainda uma identidade própria na forma agora imprópria e insensata da individualidade, conseguissem aderir a esta impropriedade como tal e fazer do seu ser-*assim* não uma identidade e uma propriedade individual mas uma singularidade sem identidade, uma singularidade comum e absolutamente exposta, se os homens pudessem não ser-*assim*, não terem esta ou aquela identidade biográfica particular, mas serem apenas o *assim*, a sua exterioridade singular e o seu rosto, então a humanidade ascenderia pela primeira vez a uma comunidade sem pressupostos e sem sujeitos, a uma comunicação que não conheceria já o incomunicável. (AGAMBEN, 1993, p. 52)

Estar *assim* e conceber a arte como aquilo que resiste e a resistência com/na/pela criação, e problematizar em Deleuze dobrado em Espinosa: Pode um corpo resistir?

Agamben pergunta:

Mas o que significa resistir? É antes de tudo ter a força de des-criar o que existe, des-criar o real, ser mais forte do que o fato que aí está. Todo ato de criação é também um ato de pensamento, e um ato de pensamento é um ato criativo, pois o pensamento se define antes de tudo por sua capacidade de des-criar o real (AGAMBEN, 1998, p.73).

Poderá des-criar o real um corpo que se deixa percorrer por fluxos de intensidades?

Calar. Desaparecer. Persistir no silêncio.

Que forças criativas se apresentam e gestam novas sensibilidades na persona(em via)gem?

No conto de Calvino, singularidades, linhas, luzes e pontos des-criam o real e um corpo resiste, escapa ao controle, ao inventar o entrelaçamento que faz brilhar um clarão de luz nas palavras e faz ouvir um grito nas coisas visíveis. Um corpo movimenta-se pelas singularidades que habitam a linha do próprio fora e que borbulham na fissura, no finito-ilimitado. Pensamentos silenciosos, espaços mudos desenham pausas, provocam vacúolos desviantes, resistem à comunicação. Interrompendo-a. “É preciso um desvio da fala. Criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle” (DELEUZE, 2006, p. 217).

Singularidades potencializam uma vida não-orgânica, aquela que pode haver numa linha de desenho, de escrita ou de música. Linha de vida, ... que não se mede mais por relações de forças e que transporta o homem para além do terror. Pois, no local da fissura, a linha forma uma fivela, “centro do ciclone, lá onde é possível viver, ou, mesmo, onde está, por excelência, a Vida”. Aqui, é tornar-se senhor de sua velocidade, relativamente senhor de suas moléculas e de suas singularidades, nessa zona de subjetivação (DELEUZE, 1988, p. 130).

Persona(em via)gem torna-se senhor de sua velocidade, relativamente senhor de suas moléculas e de suas singularidades, liberta-se do transcendente aprisionamento do ser. Torna-se singularidade incorpórea e se assume sujeito e objeto de si, devêm caçador e presa de si, exercita a liberdade estética do existir.

Resiste em devir sensações, escapa ao controle na criação de linhas, pontos, luzes.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Image et mémoire**. Paris, ed. Hoëbeke, 1998.

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Lisboa: Presença, 1993.

BUCI-GLUCKSMANN, Luci. Variações sobre a imagem: estética e política. In: LINS, Daniel (org.). **Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza/CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007, p. 83.

CALVINO, Italo. Aventuras de um automobilista. In: **Amores Difíceis**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.139-46.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

DELEUZE, Gilles. As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação). In: **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 101-30.

DELEUZE, Gilles. Imanência: uma vida... In: gilles Deleuze. **Revista Educação e Realidade**, v.27, no2, jul/dez 2002, p. 10-7.

DELEUZE, Gilles. A ilha deserta e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2004.  
DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. Os dois andares. In: **A dobra – Leibniz e o barroco**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 167-200.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade**; ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Ed. 34, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Exasperación a la filosofía**, el Leibniz de Deleuze. Buenos Aires: Cactus, 2006.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. **MIL PLATÔS** Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3, coleção TRANS. Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira. 1ª Edição. São Paulo: 34, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SANTOS, Leonel. **O que é a linha?** Artigo Publicado nos cadernos da BES Conference, 2009.